



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

**TRABALHO, LIXO E LUCRO: precariedade do trabalho no circuito econômico
da reciclagem**

David Moreno Montenegro

**Prof. de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Ceará - IFCE.**

Correio eletrônico: davidmmontenegro@hotmail.com

XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.



Curitiba – PARANÁ

Julho, 2011

1. Trabalhadores do lixo e os limites da precariedade do trabalho

Qui berce longuement notre esprit enchanté,
Et le riche métal de notre volonté
Est tout vaporisé par ce savant chimiste.
C'est le Diable qui tient les fils qui nous remuent!
Aux objets répugnants nous trouvons des appas;
Chaque jour vers l'Enfer nous descendons d'un pas,
Sans horreur, à travers des ténèbres qui puent¹.
(CHARLES BAUDELAIRE)

O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR (2005) acredita existir cerca de 500 (quinhentos) mil trabalhadores desenvolvendo a atividade da catação em todo o Brasil. Segundo pesquisa do IMPARH (2006), estima-se que existam entre 6 (seis) e 8 (oito) mil catadores de materiais recicláveis nas ruas de Fortaleza. Sujeitos que convivem diariamente com os rejeitos humanos, com as sobras e tudo aquilo que é expurgado, retirando dos dejetos - frutos do consumo da sociedade² -, os materiais que, por um lado garantirão seu sustento e, por outro, alimentarão a indústria da reciclagem. O catador é considerado o elo mais frágil da corrente que une o setor da reciclagem, integrando uma massa de trabalhadores sem unidade significativa, organização coletiva ainda incipiente para o trabalho além de suportar uma extrema exploração de sua força de trabalho uma vez que confere corpo ao enorme exército de subempregados que busca assegurar as condições mínimas de sobrevivência através da realização diária de formas de trabalho, em geral, extremamente precarizadas.

¹ “No travesseiro do mal é Satã Trismegisto / Quem embala longamente nosso espírito encantado, / E o rico metal de nossa vontade / É totalmente vaporizado por esse sábio químico. // É o Diabo quem dirige os fios que nos movem! / Nos objetos repugnantes nós encontramos atrativos; / Cada dia para o Inferno descemos um passo,/ Sem horror, através das trevas que fedem.” Tradução de Cláudio R. Duarte.

² Importante notar que o lixo assume uma dimensão possuidora de diferentes contornos quando nos referimos àqueles que dele extraem seu sustento. Ao contrário de ser percebido como aquilo que está fadado ao descarte, por aqueles que integram as fileiras dos consumidores, pois carrega consigo o estigma da inutilidade, quando nas mãos dos catadores inaugura “uma nova fase de seu itinerário de circulação social, passando a ser valor-de-uso” (Rodrigues, 1995, p. 107).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A atividade de trabalho da catação corresponde aos pilares de todo o circuito econômico e social da reciclagem dos resíduos sólidos, pois são esses trabalhadores os responsáveis por cerca de 89% de toda a matéria-prima derivada de resíduos sólidos recicláveis que abastecem as indústrias do setor, segundo dados do MNCR (2005). A partir dessas constatações e considerando o estudo que desenvolvi junto aos catadores, acompanhando sua rotina de trabalho, analisando as condições em que desenvolvem a atividade da catação bem como outros aspectos ligados a dimensões *não visíveis*, ou melhor, não tão evidentes da realidade social, pertencentes ao campo das expectativas, desejos etc., não podemos olvidar que essas atividades são enlaçadas por poderosas forças de coerção social e econômicas presentes em nossa sociedade, que constroem esses trabalhadores a se submeterem a formas de trabalho extremamente degradantes em nome da conquista da sobrevivência diária. Constata-se isso ao se observar as razões que fizeram muitos dos catadores a buscarem a ocupação como atividade de trabalho. Nesse sentido, apresento alguns relatos que registrei por ocasião de minha pesquisa.

Dona Maria Zadir ao se referir a seu filho, Paulo:

Se Deus quiser, o Paulo num vai mais trabalhar aqui ano que vem. Vai estudar pra trabalhar, comprar uma casa, botar uma mulher direita dentro de casa, porque essa carroça é pra animal, cavalo, jumento. Isso num é pra gente não. A gente só tá trabalhando com isso porque num tem trabalho. Mas ele vai conseguir um emprego na firma e vai parar.

Para Reginaldo, 32 anos, catador:

A gente tem que sustentar a família, emprego tá difícil de encontrar por aí, então fica difícil, tem que vir todo dia.

Jair, 25 anos, catador do “setor”:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O sistema é doido, tem que ralar mesmo. A gente vem trabalhar com isso aqui é porque precisa mesmo, não vou mentir. Mas também num tem nada fácil.

Mostra-se recorrente nos discursos dos catadores(as) o argumento de que desempenham a atividade da catação devido à falta de outras oportunidades de trabalho, às dificuldades em se conseguir outro emprego e a necessidade em se garantir o sustento da família. São bastante sintomáticas as palavras de D. Maria Zadir que assemelha o ato de puxar a carroça a atividades executadas por animais de tração e, ainda, deixa transparecer em suas palavras lamentosas o desejo de ver o filho galgar uma melhor condição no futuro próximo, excluindo de seu discurso sua própria pessoa, como se a ela não lhe fosse mais possível assumir um discurso que apontasse para uma mudança significativa de sua condição. Vincula ainda a noção de estudo ao ato de conseguir trabalho, como se aquilo que desenvolvessem agora não se tratasse exatamente de trabalho, na medida em que não poderia proporcionar um melhoramento de vida significativo para seu filho e ela própria. Os discursos apresentados alinham-se com o que diagnosticou a pesquisa realizada pela Prefeitura de Fortaleza em parceria com o IMPARH, atestando que 82,8% dos catadores entrevistados apontam como causas motivadoras de seu ingresso no universo da catação o desemprego e a falta de oportunidades de ingresso no mercado de trabalho. Portanto, demonstrando que esses trabalhadores não tiveram grandes chances de “escolha”, sendo a atividade da catação o último recurso frente à escassez de possibilidades e condições para assegurar sua sobrevivência.

Considerando as condições de inserção dos trabalhadores no atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas, tem-se o desenrolar e a atual consolidação da mais extraordinária e abrangente forma de controle sociometabólico: o capital. Uma poderosa estrutura totalizadora de controle que expandiu seus domínios para praticamente todos os recantos do planeta. Seus imperativos impõem a *todos* a necessidade de se ajustar ou mesmo adaptar-se a seu poder “totalitário” de modo a assegurar a viabilidade produtiva de seu processo de expansão total. Não obstante mostre-se em um avançado estágio de desenvolvimento, o capital (entendido aqui



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

enquanto relação social) carrega em seu ventre contradições que expõem a natureza própria de seu caráter expansionista. De acordo com Mészáros (2002):

O ter domina o ser em todas as esferas da vida. Ao mesmo tempo, o real dos sujeitos produtivos é destruído por meio da fragmentação e da degradação do trabalho à medida que eles são subjugados às exigências brutalizantes do processo de trabalho capitalista. Eles são reconhecidos como sujeitos legitimamente existentes apenas como consumidores manipulados de mercadorias (p. 611).

O autor destaca o caráter desumanizador do processo de trabalho no sistema capitalista, pois este converte os indivíduos em sujeitos úteis ao processo de acumulação capitalista na medida em que se tornam subservientes à expansão da riqueza utilitária/mercantilizada como fim último da produção. No entanto, ao passo que se verifica o desenvolvimento cada vez mais complexo de processos de trabalho concomitante à sofisticação dos processos produtivos ocorre certo afrouxamento das amarras do sistema em relação à sua dependência de trabalhadores ligados umbilicalmente à produção, proporcionando o crescimento da esfera não-produtiva e parasitária da sociedade. Como resultado “o funcionamento dos constituintes genuinamente produtivos se torna cada vez mais dependente da manutenção e do crescimento posterior dos setores parasitários – dos quais um número crescente de pessoas depende para seu sustento, enquanto outros dependem destes na qualidade de consumidores dos seus produtos” (idem, p. 618). A liberação de certa parcela dos trabalhadores da necessidade imperiosa de inserirem-se diretamente no setor da produção, garantidor da contínua expansão do sistema produtor de mercadorias gera, na sociedade, a criação do tempo supérfluo, entretanto esse tempo não é reconhecido no conjunto das sociabilidades estabelecidas na ordem do capital como tempo disponível potencialmente criativo. “Ao contrário, deve assumir uma atitude negativa/destrutiva/desumanizadora para com ele. De fato, o capital deve dolorosamente desconsiderar o fato de que o conceito de trabalho supérfluo na realidade se refere a seres humanos vivos e possuidores de capacidades produtivas socialmente úteis – mesmo que capitalisticamente redundantes ou inaplicáveis” (idem, p. 620). Assim,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

acrescenta Mészáros, que a expansão cada vez mais constante dos níveis de produção capitalista bem como a extração mais intensa de ganhos para o capital somente pode ocorrer:

Graças à desumanização do próprio trabalho vivo, transformado em uma *mercadoria* que só pode funcionar (como uma força produtiva) e biologicamente se sustentar (como um organismo vivo) adentrando a estrutura – e se submetendo às exigências materiais e organizacionais – de acordo com as exigências da auto-reprodução ampliada do capital (Mészáros, 2002, p. 622, grifos do autor).

Desse modo, observa-se, num primeiro momento, a separação radical dos trabalhadores dos meios e do material de sua atividade produtiva e da auto-reprodução de suas vidas o que, por outro lado, impõe-lhes a necessidade imperiosa de entrar na relação de troca do capital por uma questão de mera sobrevivência, subjugando totalmente as dimensões da necessidade e do valor-de-uso às determinações reificantes do valor-de-troca. Ademais, como uma grande ironia da história, a dinâmica interna antagonista do capital agora se afirma – no seu impulso inexorável para reduzir globalmente o tempo de trabalho necessário a um valor mínimo que otimize o lucro – “como uma tendência devastadora da humanidade que transforma por toda parte a população trabalhadora numa força de trabalho crescentemente supérflua” (Idem, 2002, p. 341).

Não é difícil identificar grandes contingentes de “trabalhadores supérfluos” ao pensar a realidade dos catadores de materiais recicláveis das ruas em Fortaleza, afinal, basta considerar os indicadores sociais mais básicos referentes à saúde, escolaridade e moradia para perceber que grande parte desses trabalhadores está condenada a orbitar às margens do sistema capitalista, sem serem de modo algum contemplados pelas “maravilhas do progresso econômico”. Daí o porquê da questão do desemprego assumir contornos tão trágicos quando atingem essa categoria de trabalho, pois esses sujeitos muitas vezes não possuem o mínimo de qualificação, ou condições para adquiri-la, para ingressar no cada vez mais concorrido mercado de trabalho, para assim garantir condições mínimas de sobrevivência e existência digna. Por outro lado, muito embora



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

esses trabalhadores estejam flagrantemente desenvolvendo suas atividades numa situação de extrema precariedade e vivenciem o assombro do fantasma do desemprego que constantemente espregueira à porta, esse quadro geral não constitui elemento motivador da tomada de consciência no sentido de apontar para a possibilidade de organização da classe trabalhadora que aponte concretamente para a superação dessa condição de espoliação e miséria. Mesmo sendo alvo direto dos efeitos das transformações e metamorfoses do trabalho verificadas nos últimos anos, sobretudo no aprofundamento dos processos de subproletarização e desemprego, “podemos afirmar que os desdobramentos para o universo simbólico dos trabalhadores particularmente dos desempregados são seriamente afetados (...), pois, na prática, os trabalhadores desempregados são proletários que vivem a radicalidade da despossessão, no entanto a fragilidade dessa radicalidade se expressa no fato de que, a partir da sua exclusão da ordem do capital, são incapazes de articular um movimento emancipatório para além do capital. Os trabalhadores desempregados afirmam a sociedade do trabalho, mesmo sendo a materialização da negação do trabalho” (Thomaz Júnior, 2002, p. 18).

Aos rejeitados pelo mercado formal de trabalho e compelidos à luta por sobrevivência a qualquer custo não resta alternativa a não ser se submeterem a alguma forma de auto-exploração do trabalho ou venda da sua força de trabalho, engrossando as fileiras dos trabalhadores informais e terceirizados. A energia dos trabalhadores deverá ser canalizada e concentrada a qualquer custo em algo útil frente ao processo de reprodução do próprio sistema que o renega. Mas essa manifestação não pode ocorrer na sociedade de qualquer forma, deve, por outro lado, obedecer aos critérios normativos orientadores das condutas dos indivíduos materializados em lei, além de obedecer aos valores intersubjetivamente partilhados na sociedade do capital que consagra o respeito aos códigos e, sobretudo, à propriedade privada. É neste contexto em que trabalhadores já largamente experientes no desenvolvimento de atividades laborais precárias ou que vivem as angústias do desemprego de longo prazo, já sem esperança de encontrar novas ocupações no mercado de trabalho, ainda mais tendo seus direitos garantidos e cobertos pela legislação trabalhista (ou o que dela restou), lançam-se às ruas e ao lixo, encontrando na catação de resíduos sólidos a garantia da sobrevivência. Para Bihr:



A experiência mostra enfim que, passado certo tempo, o desemprego provoca verdadeiros fenômenos de exclusão e de auto-exclusão em relação ao mercado de trabalho, ainda que seja simplesmente pelo fato da desvalorização de uma qualificação profissional já fraca inicialmente. Os desempregados de longa duração são assim progressivamente encerrados em um verdadeiro gueto social e institucional (Bihl, 1998, p. 86).

A catação de materiais recicláveis, mais do que uma atividade que garante alguma remuneração aos trabalhadores, corresponde à única forma que resta para garantir sua sobrevivência e de sua família, tendo em vista uma constatada impossibilidade de encontrar outra ocupação que garanta uma renda fixa, muito embora o trabalho da catação corresponda a uma atividade laboral que atenta contra a saúde, a moral e a dignidade dos trabalhadores da reciclagem. Não obstante isso, essas formas de trabalho parecem perfeitamente integradas ao rol de ocupações aceitas pela sociedade, incluindo poder público, que operam uma espécie de naturalização das condições sobre as quais esses sujeitos devem desempenhar suas atividades, embora flagrantemente à margem da sociedade no sentido de subverterem totalmente os preceitos sociais que visem a garantir a todos a dignidade, a saúde, as condições para que desenvolvam suas potencialidades enquanto seres humanos. A situação de miséria, a pobreza e a condição de inferioridade econômica que atinge grande parte dos desempregados e trabalhadores ocupados em atividades precárias e informais, aqui menciono os catadores de materiais recicláveis, parecem ser normalizados não somente para o conjunto dos trabalhadores da catação, mas para toda a sociedade. Nas palavras de Santos:

Ser pobre não é apenas ganhar menos do que uma soma arbitrariamente fixada; ser pobre é participar de uma situação estrutural, com uma posição relativa inferior dentro da sociedade como um todo. Essa condição se amplia para um número cada vez maior de pessoas. O fato, porém, é que a pobreza tanto quanto o desemprego agora são considerados como algo “natural”, inerente a seu próprio processo (Santos, 2000, p.59).

Essa espécie de naturalização e normalização da pobreza, em que a sociedade se manifesta de modo a aceitar tacitamente a exclusão e a miséria como dimensões



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

legítimas da realidade social inserem-se num mais amplo processo de precarização de vida ao qual são submetidos esses trabalhadores, e representam de alguma maneira uma espécie de camisa de força que aprisiona, inclusive, as mentalidades dos trabalhadores que se formam a partir da percepção dessa realidade, na medida em que as próprias explicações para essas situações de desemprego e de precarização do trabalho são produzidas recorrendo a argumentos construídos a partir de um referencial valorativo que engendra a própria ordem social que os renega e condena. Nesse sentido, torna-se bastante recorrente encontrar, nos discursos dos trabalhadores da catação, justificativas elaboradas para justificar sua situação social e de trabalho ancoradas em argumentos que se constroem em torno da noção de “falta de qualificação”, “falta de estudos suficientes”, “indolência”.

2. A [im]produtividade da atividade da catação como pilar de sustentação do circuito econômico da reciclagem

A despeito de não poucas vozes que se erguem, nos dias de hoje, alardeando aos quatro cantos que vivemos um momento de transformação nas formas de engendarmos as sociabilidades contemporâneas, tudo isso em função do advento de relações que se estruturam e determinam obedecendo a padrões lastreados pelo consumismo, foi possível verificar que subjaz a esse fenômeno uma lógica de produção do descartável que visa a atender um tipo de consumo cada vez mais exigente e efêmero, porém orientado por uma natureza destrutiva, de obsolescência que encontra seu paroxismo no aprofundamento da *taxa de utilização decrescente das mercadorias*, que provoca, por sua vez, a diminuição de sua vida útil e o conseqüente descarte prematuro dos frutos do trabalho produtivo. É nesse sentido que analisar esses elementos torna-se fundamental para se entender o problema relacionado à geração de resíduos sólidos em geral - o desemprego e as formas precárias de ocupação laboral - e compreender também as determinações e contradições que envolvem o circuito econômico da reciclagem dos materiais e o trabalho na catação.

Chega-se então a um possível paradoxo: na medida em que a argumentação desenvolvida apresenta um sistema produtor de mercadorias em que sua lógica



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

reprodutiva pressupõe abreviar a vida útil, ou seja, obsoletizar as mercadorias a fim de expandir o processo de reprodução do capital e, conseqüentemente, maximizar os lucros, que processo estimularia então a recuperação dos materiais presentes em diversos tipos de resíduos e os altos investimentos verificados no circuito econômico da reciclagem?

Primeiro, foi constatado a complexa rede que constitui a cadeia produtiva da reciclagem que se tece numa intrincada rede de compra e venda e circulação de resíduos recicláveis, mediante utilização/exploração de modo bastante diversificado da força de trabalho empregada no setor, a depender do grau de diversificação das técnicas, dos processos industriais e das formas desenvolvidas de aproveitamento e coleta dos materiais envolvidos no circuito produtivo. Vale ressaltar, ainda, que a organização do trabalho se baseia em relações formais e informais, de acordo com os agentes envolvidos. No caso dos catadores que trabalham nas ruas, estes se encontram no terreno da informalidade. A exclusão, o desemprego, a marginalização e o subemprego são elementos que encontram materialização quando se busca entender o papel do catador na reciclagem, categoria de trabalhadores que influi diretamente na composição, formação e distribuição da força de trabalho em toda a cadeia produtiva da reciclagem e que podem ser englobados na dimensão de um fenômeno maior: a informalidade. Trabalhadores à deriva, tendo sua força de trabalho transformada em supérflua, desprotegidos da legislação, pois não mais possuem vínculos empregatícios formais ou qualquer forma de proteção social, sofrendo total degeneração e precarização de sua força de trabalho. Encontramos então “(...) Neste cenário de desprezo pelos direitos de cidadania (...) de degradação do poder aquisitivo e da qualidade de vida, de marginalização de largos segmentos da população, de desmantelamento das organizações dos trabalhadores e de crescentes níveis de desemprego, (...) o fenômeno da informalidade” (Malaguti, 2000, pp. 62, 63).

Assim, quando se fala em reciclagem, também se está falando de um complexo circuito comercial que possui diferentes níveis de exigência técnica, bem como pode se valer da utilização em larga medida de mão-de-obra precarizada, na medida em que a maioria dos trabalhadores da catação que atuam nas ruas e depósitos não possui qualquer vínculo empregatício, seja com os depósitos, armazéns ou indústrias, proporcionando aos grandes investidores do setor vultosa lucratividade. Assim, a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

lucratividade acaba por se manifestar como o grande estímulo dos maiores investidores do setor (armazenadores e industriais) que exploram essa atividade econômica em seus vários níveis, e enxergam nela a possibilidade de ampliar seu capital investido.

Portanto, ao passo que a renda auferida pelos catadores após a venda do material recolhido é irrisória, servindo apenas para reproduzir a sua força de trabalho, situação que subjuga esses indivíduos ao limiar da sobrevivência, por outro lado, essa condição de super-exploração do trabalho do catador aparece como condição fundamental para a manutenção dos elevados ganhos e valorização do capital. A precariedade do trabalho da catação revela-se, desse modo, como uma situação imanente à própria lógica reprodutiva do circuito econômico da reciclagem, uma vez que se respeitada a legislação trabalhista e os contratos formais de trabalho dos catadores, a reciclagem dos resíduos se tornaria menos rentável e economicamente inviável para os demais agentes da cadeia. Essa é uma das dimensões que asseguram os ganhos do capital investido no setor. A outra diz respeito à possibilidade de através da reciclagem ser possível recuperar o trabalho já materializado nos objetos coletados.

Tratando do primeiro aspecto levantado, os catadores constituem o pilar fundamental sobre o qual se estrutura toda a cadeia produtiva da reciclagem, uma vez que são os responsáveis por cerca de 90% de todo o trabalho realizado na cadeia produtiva, desde a coleta dos resíduos nas ruas até os processos de triagem e enfardamento dos materiais nos depósitos, segundo estimativa do MNCR. Entretanto, são notórias as péssimas condições em que se desenvolvem as atividades desses trabalhadores nas metrópoles brasileiras, fato que contrasta com a importância para toda a economia do setor bem como seu papel ativo desempenhado ao recuperar os materiais recicláveis que estavam fadados ao “esquecimento”, misturados a outros rejeitos sem poder econômico. Assim, de acordo com Gonçalves (2006):

a exploração de seu trabalho em condições insalubres, precárias e com a utilização de instrumentos rudimentares, garante que a mercadoria recolhida por eles, e que retorna ao circuito mercantil, possa ser comprada a um preço que permita o seu processamento e posterior comercialização, mantendo uma atraente margem de lucro, que variará de acordo com as especificidades de cada um deles, em momentos específicos (Gonçalves, 2006, p. 115).



Não por outro motivo, se os catadores realizassem seu trabalho devidamente cobertos pelos direitos sociais e trabalhistas assegurados aos trabalhadores pertencentes ao setor formal da economia, mantendo vínculo empregatício com as indústrias que se beneficiam dos resíduos recicláveis, ou mesmo com os depósitos atravessadores, se realizassem suas atribuições de separação, classificação, triagem e enfardamento dos materiais em locais portadores de condições técnicas e de salubridade adequados, tudo isso representaria aumento de custos em decorrência de investimentos a serem realizados pelos agentes investidores do setor, representando, conseqüentemente, uma considerável redução dos lucros, o que poderia inviabilizar, em último caso, a reciclagem de certos materiais. Diante dessa realidade, *“pode-se imaginar o quanto custaria para os compradores/atravessadores garantir as botas, as luvas, as máscaras e os veículos adequados para coletar e transportar os resíduos recicláveis, na substituição dos pesados carrinhos de duas rodas que são empurrados pelas ruas, e o que isso representaria na sua lucratividade”* (Gonçalves, 2006, p. 116). Assim, quando se cobram investimentos no setor, as reivindicações em sua maioria são atendidas pelo setor público a partir da implementação de políticas públicas, seja no incentivo à formação de cooperativas com sua instrumentalização, treinamento e capacitação de mão-de-obra, ou mesmo políticas que visam garantir a doação de materiais recicláveis a cooperativas de catadores como forma de assegurar a demanda desses materiais³. O aprofundamento das condições precárias em que desempenham suas atividades representa a certeza do aumento da lucratividade dos setores industriais ligados à reciclagem.

A segunda dimensão a ser destacada corresponde ao fato de no processo de recuperação dos resíduos, através da reciclagem, não somente os aspectos físicos e químicos que compõem determinados objetos são revitalizados, mas também o valor conferido pelo trabalho materializado nesses objetos desde seu processo produtivo anterior. Nesse sentido, a recuperação do valor de uso dos dejetos os permite uma ampliação de suas possibilidades de utilização no mundo povoado pelas mercadorias, com objetivo último de recuperar seu valor de troca. Segundo Marx (1998):

³ Como forma de exemplificar o último ponto relacionado, cabe ressaltar que em 15 de dezembro de 2009, por meio da aprovação de emenda aditiva N. 14 ao projeto de lei complementar N. 0036/2009, a Câmara Municipal de Fortaleza faz valer o seguinte texto da referida lei: “Será concedido desconto de 5% (cinco por cento) no valor do IPTU nos casos de imóveis que instituam separação de resíduos sólidos e que destinem sua coleta para associações e/ou cooperativas de catadores de lixo”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O trabalho objetivado no valor da mercadoria é representado não só sob o aspecto negativo em que se põem de lado todas as formas concretas e propriedades úteis dos trabalhos reais; ressalta-se, agora, sua própria natureza positiva. Ele é, agora, a redução de todos os trabalhos reais a sua condição comum de trabalho humano, de dispêndio de força humana de trabalho (Marx, 2006, p. 89).

Assim, a forma geral do valor provoca a transmutação de todos os produtos do trabalho em massa de trabalho humano sem diferenciações, mostrando por meio de sua própria estrutura, que é “a expressão social do mundo das mercadorias” (Idem, p. 89). Conclui Marx, portanto, que “o caráter específico desse mundo é constituído pelo caráter geral humano do trabalho” (Idem). Na medida em que, somente com a troca, adquirem os produtos do trabalho, como valores, uma realidade socialmente homogênea que os permite integrar o panteão das mercadorias sob o sistema capitalista, a despeito de sua heterogeneidade de objetos úteis, adverte- nos Marx que “esta cisão do produto do trabalho em coisa útil e em valor só atua, na prática, depois de ter a troca atingido tal expansão e importância que se produzam as coisas úteis para serem permutadas, considerando-se o valor das coisas já por ocasião de serem produzidas” (Marx, 2006, p. 95). É partindo dessa dimensão, que Bihr (1999) afirma:

Em primeiro lugar, o capitalismo só se interessa por um valor de uso a medida que ele é suscetível de preencher uma função de suporte de uma relação de troca. Portanto, somente a medida que nele se acha valor materializado, que ele é produto de um trabalho humano (Bihr, 1999, p. 126).

Não obstante opere a taxa de utilização decrescente da mercadoria sobre todas as mercadorias, embora em grau de intensidade distinto, conservando, dessa forma, potencialidade de reaproveitamento de vários resíduos, muitos desses não serão recuperados, mesmo constituindo a materialização de trabalho humano e compostos por materiais possíveis de serem recuperados. Para que tal empreendimento ocorra será necessário o cumprimento de alguns pressupostos: devem integrar o rol de resíduos que dispõem de tecnologia para viabilizar a recuperação, devem ser produzidos em larga escala e possuir geração contínua, mercado de consumo assegurado, trabalho precário



empregado em sua produção, baixos custos de produção e lucratividade no empreendimento.

É, pois, nessa específica situação que aqueles resíduos recolhidos pelos catadores nas ruas não podem ser considerados apenas como lixo, algo absolutamente desprezível. Na realidade, tratam-se de objetos em que “o trabalho está incorporado (...). Concretizou-se, e a matéria está trabalhada. O que se manifestava em movimento, do lado do trabalhador, se revela agora qualidade fixa, na forma de ser, do lado do produto. Ele teceu, e o produto é um tecido” (Marx, 1998, p. 215). Assim, os rejeitos do consumo da sociedade apropriados pelos catadores nas ruas da cidade são “produtos que têm trabalho humano incorporado e que possuem determinado valor de uso para indústria da reciclagem, o que possibilita a sua comercialização” (Gonçalves, 2006, p. 116). Mesmo no momento da apropriação desses objetos/resíduos pelos catadores para fins comerciais, esses já possuem valor enquanto mercadoria, embora irrisório e desprezado pela maior parte da população. Na medida em que esses materiais constituirão matéria-prima para as indústrias passam a despertar o interesse em sua dimensão mercadológica, tendo em vista que “toda matéria-prima é objeto de trabalho, mas nem todo objeto de trabalho é matéria-prima. O objeto de trabalho só é matéria-prima depois de ter experimentado modificação efetuada pelo trabalho” (Marx, 2006, p. 212). Portanto:

aquele objeto que era ou compunha determinada mercadoria, e em um outro contexto social e econômico foi considerado lixo, a partir da apropriação feita pelo catador que irá trocá-lo por dinheiro, recolocando-o novamente em um circuito econômico, passará por um processo de valorização e assumirá novamente variadas possibilidades de uso, ampliando o seu papel no mundo das mercadorias (Gonçalves, 2006, p. 117)

Desse modo, o que foi mercadoria, fruto do trabalho humano e considerado lixo tem as dimensões de seu valor de uso ampliadas pela intervenção do trabalho vivo na medida em que conservam trabalho humano materializado, que alarga suas possibilidades nas relações travadas no mercado, pois “os produtos do trabalho anterior, que, além de resultado, constituem condição de existência do processo de trabalho, só se mantêm e se realizam como valores-de-uso através de sua participação nesse processo, de seu contato com o trabalho vivo” (Marx, 2006, p. 217). Os resíduos recicláveis, ao



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

serem levados para as indústrias, passarão por um processo de transformação que, através de processos de trabalho com diferentes graus de complexidade, permitirão mudanças na qualidade física e/ou química dos resíduos de modo a aumentar suas potencialidades, aplicações e usos, promovendo um redimensionamento de seu valor-de-troca.

Em face desse complexo processo de recuperação do valor-de-uso desses resíduos, que traz novamente à tona objetos esquecidos e descartados que, em não raros casos, significavam um prejuízo ao meio ambiente, verifica-se certa indução do pensamento em ver nesse processo um passo para uma mudança substancial da forma como os homens se relacionam entre si e com o meio ambiente, sobretudo em face da famigerada crise ambiental que atravessamos. Não obstante, porém, a importância dos processos de reciclagem e reaproveitamento de resíduos que certamente cumprem significativo papel na busca por intervenções menos danosas no mundo, no sentido de diminuir as agressões ao meio ambiente natural, cabe tentar compreender qual a lógica que subjaz todo e qualquer processo produtivo de mercadorias em nossa sociedade, tendo em vista que mesmo nos processos industriais da cadeia produtiva da reciclagem o lixo reciclado é utilizado como matéria-prima para nova produção de mercadorias. Nesse sentido, lembro as palavras de Marx:

Na produção de mercadorias, nosso capitalista não é movido por puro amor aos valores-de-uso. Produz valores-de-uso apenas por serem e enquanto forem substrato material, detentores de valor-de-troca. Tem dois objetivos. Primeiro, quer produzir um valor-de-uso que tenha um valor-de-troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. E segundo, quer produzir uma mercadoria de valor mais elevado que o valor conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la, isto é, a soma dos valores dos meios de produção e força de trabalho, pelas quais antecipou seu bom dinheiro no mercado. Além de valor-de-uso, quer produzir mercadoria; além de valor-de-uso, valor, e não só valor, mas também valor excedente (Marx, 2006, p. 220).

A lucratividade é, portanto, o grande estímulo dos maiores investidores do setor, que exploram essa atividade econômica em seus vários níveis, e não propriamente a tomada de consciência desses atores sociais no que diz respeito à problemática ambiental em torno do lixo e o que fazer com ele. Ao capital empregado no processo industrial de reciclagem, deve corresponder a produção de mais-valia, ou seja, a exploração do trabalho não pago do trabalhador. Pois são os catadores os maiores



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

responsáveis por movimentar esse “circuito que envolve a triagem e transporte dessas mercadorias dentro das mais diferentes cidades, lugares de geração e concentração dessa matéria-prima, os resíduos sólidos recicláveis, que vão para dentro das indústrias de reciclagem e retornam das mais diferentes formas para um novo consumo” (Gonçalves, 2006, p. 120).

O material recolhido pelos catadores segue seu rumo, passando pelos depósitos, galpões especializados para triagem, pesagem, para então, pelas mãos de atravessadores (deposeiros, coletores, armazenadores), chegar às pré-indústrias de beneficiamento que irão preparar a matéria-prima para a indústria final, onde o “milagre” da transformação é realizado. Novas mercadorias são produzidas para ser reinseridas no mercado após uma longa jornada que envolveu o descarte dos restos de um consumo anterior da sociedade aprofundado em função da atuação da taxa de utilização decrescente das mercadorias, que opera uma brutal diminuição da vida útil dos produtos do trabalho, a exploração do trabalho extremamente precário dos catadores, bem como a apropriação pelo capitalista do trabalho materializado no resíduo desde sua produção anterior, a circulação desses materiais num circuito extremamente complexo que envolve vários outros agentes econômicos que lucram com a comercialização dos resíduos para, ao final, servir de matéria-prima para a indústria final, proporcionando a esta enormes economias e vultosos lucros, além de apontar para um setor produtivo em rápida expansão no Brasil.

Num contexto de crise, desemprego estrutural de longa duração e reconcentração de capital, essas atividades laborais extremamente degradantes alastram-se e ganham maior visibilidade em função do agravamento da “questão social”, pois, embora representem atividades indispensáveis para a sobrevivência daqueles que as desempenham, por outro lado, cumprem papel significativo no processo de produção de sobretrabalho, valorização e acumulação do capital, mergulhando esses trabalhadores numa situação crescente de degradação, espoliação e miséria. Não por outro motivo, considero que grande parcela das pessoas que integram a cadeia produtiva da reciclagem dormita nos limites da precarização do trabalho, da informalidade e da exploração, possuindo pouca margem e possibilidades de reação ou ascensão social.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Assim, as questões relativas à geração de resíduos e descarte de lixo, bem como a extrema miséria na qual se encontra grande parte dos trabalhadores, não podem ser, simplesmente, resolvidas a partir de perspectivas que se detenham tão somente na dimensão aparente do fenômeno. Torna-se imperioso atuar na transformação dos processos que os geram, que conferem a eles uma forma aparentemente livre de contradições. Falar do trabalho no lixo e do próprio lixo, sem abordar, contudo, a lógica do sistema produtor de mercadorias, não nos permitirá pensar em ações transformadoras capazes de conferir novo sentido à produção e ao consumo, que não a própria reprodução do capital.

Aprofundar a compreensão desses fenômenos a fim de entender o trabalho precário na catação implica, por outro lado, em discutir as mediações e conflitos existentes entre capital e trabalho, levá-los às últimas consequências para, desse modo, empreender ações não paliativas, que tendam a revelar os conflitos ao invés de não aprofundá-los ou tratá-los levianamente, inscrevendo-os na dimensão da luta de classes, e viabilizando possibilidades alternativas à lógica destrutiva do capital que ameaça, nestes tempos, toda a humanidade. Embora distante da contraposição romântica Baudelaireana frente ao fato de podermos estar diante de processos destruidores do mundo, capitaneados pelo *aviltamento dos corações*, faço minhas últimas palavras as do poeta quando este diz:

Je crois que j'ai dérivé dans ce que les gens du métier appellent un
hors-d'œu-vre. Cependant, je laisserai ces pages, – parce que je veux
dater ma colère.
tristesse⁴

REFERÊNCIAS

BIHR, A. **Da Grande Noite à Alternativa**. São Paulo: Boitempo, 1999.

⁴ Traduzo livremente: “Creio que derivei no que as pessoas do ramo chamam de hors-d'œuvre (entrada, ou aperitivo). Entretanto, deixarei estas páginas – porque quero datar minha ira. Tristeza”. (Fragmento XV da série *Fusées*, que abre os *Journaux intimes* do poeta).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

GONÇALVES, M. A. **O Trabalho no Lixo**. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2006.

MALAGUTTI, M. L. **Crítica à razão informal**: a imaterialidade do salário. São Paulo: Boitempo, 2000.

MARX, K. **O Capital. Crítica da economia política**. 20^a ed. Livro 1, volume II, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MESZAROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo/Unicamp, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE E SERVIÇOS URBANOS e INSTITUTO MUNICIPAL DE PESQUISAS, ADMINISTRAÇÃO E RECURSOS HUMANOS. **Diagnóstico da situação socioeconômica e cultural do(a) catador(a) de materiais recicláveis de Fortaleza-CE**. Fortaleza, 2006.

RODRIGUES, A. M. **Produção e consumo do e no espaço**: problemática ambiental urbana. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

THOMAZ Jr. A. Por uma Geografia do Trabalho. **PEGADA**, Revista Eletrônica: CEGeT, (número especial) 2002.
<http://www2.prudente.unesp.br/ceget/pegada/pegesp2.htm>.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina